

Comendo X comeno – Uma análise do processo de redução da sequência [ndo] para [no] na fala de participantes de programas de entretenimento da TV aberta brasileira

Priscila Soares Evangelistaⁱ

RESUMO

Este trabalho investiga o processo de redução da sequência [ndo] para [no] na fala de participantes de programas de entretenimento da TV aberta brasileira. Muitos estudos já foram feitos sobre o apagamento do segmento /d/ em sequência [ndo], dentre os quais podemos citar: Cristófar-Silva (1996), Ferreira (2010), Vieira (2011) e Almeida e Oliveira (2017). No entanto, este é o primeiro que focaliza sua incidência na mídia falada. Os conceitos operativos da pesquisa são norteados pelos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]). Já os dados analisados foram extraídos dos seguintes programas televisivos: *Casos de Família*, *Domingo Show*, *Amaury Jr.* e *Metrópolis*. Após a análise dos dados, constatou-se que o fenômeno de redução da sequência [ndo] é comum no português brasileiro, sendo observado, inclusive, na fala de pessoas pertencentes às classes mais altas da sociedade. Ademais, pudemos constatar que os homens, os gerúndios, os vocábulos extensos, a velocidade de fala e os gêneros de programa influenciam no apagamento da consoante /d/.

Palavras-chave: Fonologia do português; Redução fonológica; Variação linguística; Mídia falada.

ABSTRACT

This work investigates the process of reducing the sequence [ndo] to [no] in participants' speech on entertainment programs of the Brazilian public-access television. Many studies have already been done on the deletion of the segment /d/ in the sequence [ndo], among which we can mention: Cristófar-Silva (1996), Ferreira (2010), Vieira (2011) e Almeida e Oliveira (2017). However, this is the first that focuses on its incidence in spoken media. The operative concepts of the research are orientated by the presuppositions theoretical of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008[1972]). The analyzed data were extracted from the following television programs: *Casos de Família*, *Domingo Show*, *Amaury Jr.*, and *Metrópolis*. After analyzing the data, we found that the phenomena of the sequence reduction [ndo] are common in Brazilian Portuguese, being observed in the speech of people of high socioeconomic classes. Moreover, we could verify that men, the gerunds,

ⁱ Possui graduação em Letras (Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas (2016) e Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas (2020). Linha de pesquisa: Variação e Mudança Linguística – Sociolinguística.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4975-196X> | priscila.evangelista2021@gmail.com

the length of the word, the speech rate, and the program genres influence the deletion of the consonant /d/.

Keywords: Portuguese phonology; Phonological reduction; Linguistic variation; Spoken media.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo traz os resultados de uma pesquisa realizada durante o mestrado, na qual foram analisados alguns processos de redução fonológica na fala de participantes de programas de entretenimento da TV aberta brasileira. O estudo aqui apresentado propõe uma discussão sobre o processo de redução da sequência [ndo] para [no], tão comum no português brasileiro. Para tanto, foram considerados fatores linguísticos e sociais que possam condicionar o uso dessas variantes, seguindo, assim, os mesmos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista.

De acordo com Bagno (2005), o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo] é comum no português brasileiro, sendo sua ocorrência verificada até mesmo na fala menos monitorada de pessoas cultas das regiões urbanas. Decerto, esse fenômeno já foi observado em diferentes dialetos brasileiros, sendo inclusive descrito e analisado por vários autores, tais como Ferreira (2010), Vieira (2011) e Almeida e Oliveira (2017).

Contudo, a alta ocorrência do fenômeno em vários dialetos não impede que falantes das áreas urbanas estigmatizem esse tipo de redução. Assim, para muitos falantes urbanos letrados, a redução da sequência [ndo] para [no] nada mais é do que uma característica do falar roceiro (COUTINHO, 1976), o que reforça ainda mais o preconceito linguístico.

De forma geral, tanto nos contextos em que o falante está sendo observado, quanto nas situações que exigem maior formalidade, os falantes tendem a preferir as variantes linguísticas de maior prestígio social. Consequentemente, as formas tidas como não padrão passam a ser evitadas nesses contextos. Do contrário, nas situações menos formais, o falante tende a apresentar uma fala menos policiada, favorecendo, assim, as formas de menor prestígio.

Sabendo, portanto, que o processo de redução da sequência [ndo] para [no] tende a ser mais recorrente nas falas menos monitoradas, ou seja, naquelas situações em que o falante está menos atento à própria fala, neste estudo, objetivamos verificar como esse fenômeno se dá em contextos mais tensos, como os observados nas entrevistas televisivas. A partir daí, pretendemos averiguar se o discurso televisivo impede a realização da variante menos prestigiada [no], quando comparado ao que acontece nos níveis menos formais de fala.

Conforme aponta Labov (2008 [1972]), as entrevistas por si só já estabelecem um contexto de maior tensão no qual o entrevistado tende a se policiar mais, exibindo uma linguagem que seja mais polida. Apresentado por Labov como paradoxo do observador, esse fenômeno tende a ser maior nas entrevistas televisivas, isso porque tanto o apresentador, quanto audiência, câmera e público exercem, ainda que de forma indireta, grande pressão sobre os entrevistados (EVANGELISTA, 2018). Como resultado dessa “pressão”, os participantes tendem a se policiar mais, de modo que o vernáculo, “estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008, p. 244), seja menos recorrente nessas situações.

A esse respeito, Evangelista (2018) explica que, no entanto, o nível de monitoramento da fala nos programas televisivos tende a variar conforme o gênero de cada programa. Para exemplificar, a autora cita os programas jornalísticos, que, por serem mais formais, propendem a apresentar uma linguagem mais cuidada, próxima ao estilo formal. Do contrário, os programas do gênero esportivo, por seguirem um formato mais dinâmico, tendem a exibir uma linguagem que seja mais despreocupada, favorecendo as variantes menos prestigiadas.

Tendo em vista os aspectos acima abordados, queremos compreender neste estudo como o processo de redução da sequência [ndo] se dá dentro da mídia televisiva e, a partir daí, por meio de análise variacionista, identificar e investigar os fatores linguísticos e sociais que possam condicionar a escolha das variantes [ndo] e [no] por parte dos falantes.

Na próxima seção, abordaremos de forma mais detalhada o fenômeno recém-apresentado e sua regra fonológica. Também falaremos dos casos de bloqueio e das ocorrências isoladas de redução em palavras não gerundivas com final [ndo].

Em suma, este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, realizamos breve discussão sobre o processo de redução da sequência [ndo] para [no] no

português brasileiro; na parte seguinte, há a apresentação do fenômeno fonológico aqui analisado, assim como seus casos de bloqueio; já a terceira seção apresenta os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa, bem como os trabalhos mais relevantes ligados ao fenômeno; na quarta parte, tratamos da metodologia utilizada na pesquisa e a descrição sucinta dos programas televisivos escolhidos para a análise, além de apresentarmos as variáveis linguísticas e sociais investigadas; na quinta seção, realizamos a análise estatística dos dados e discussão dos resultados, e, por fim, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

1. SOBRE O FENÔMENO

A maioria das pesquisas já realizadas sobre o fenômeno no português brasileiro, tais como as de Cristófar-Silva (1996), Ferreira (2010) e Almeida e Oliveira (2017), dedica-se quase sempre ao processo de redução em morfema de gerúndio, deixando de lado outras classes de palavras.

De maneira geral, o que se observa nesse fenômeno é o apagamento da consoante /d/ em contexto [ndo], resultando na forma reduzida [no]. Nesse sentido, a forma plena [ndo] é reconhecida como variante padrão, por ser de maior prestígio social; já sua forma reduzida [no], como variante não padrão ou estigmatizada. De acordo com Ferreira (2010), esse processo de redução ocorre apenas quando o grupo [ndo] for um morfema de gerúndio. Seguindo essa lógica, a autora explica que as demais palavras com final /ndo/ como em **bando** = **bano* ou verbos em primeira pessoa do singular do presente do indicativo como em **prendo** = **preno*, terão o processo bloqueado, como verificado abaixo:

Afundo = **afuno* (1ª pessoa do verbo afundar)

Emendo = **emeno* (1ª pessoa do verbo emendar)

Acendo = **aceno* (1ª pessoa do verbo acender)

Dependo = **depeno* (1ª pessoa do verbo depender)

Confundo = **confuno* (1ª pessoa do verbo confundir)

Expando = **expaño* (1ª pessoa do verbo expandir)

Neste estudo, no entanto, encontramos casos de apagamento da oclusiva /d/ em palavras não gerundivas. Esses casos serão apresentados posteriormente. Em suma, o processo de redução do grupo [ndo] pode ser entendido por meio de duas análises diferentes. A primeira refere-se a um processo de assimilação no qual a consoante oclusiva /d/ assimila o traço [+ nasal] da consoante /n/ (*nd* > *nn* > *n*) (BAGNO, 2005), como em *falando* = *falano* / *comendo* = *comeno* / *cantando* = *cantano*.

A segunda análise refere-se a um processo de cancelamento no qual a consoante /d/, por estar em uma sílaba fraca, tende a ser cancelada. Assim, por se tratar de uma sequência consonantal heterossilábica em que a consoante nasal /n/ faz-se presente, a segunda consoante da sequência /d/ é facultativamente cancelada (*nd* > *nØ* > *n*), (CRISTÓFARO-SILVA, 1996). Com efeito, esse fenômeno pode ser representado através da seguinte regra:

Figura 1: Regra 1 – Redução da sequência [ndo]

$$[ndo] \#\# \longrightarrow < no > / \frac{\quad}{< + \text{gerúndio} >} \#\#$$

Fonte: Evangelista (2020, p. 67)

Conforme a Regra 1, o processo de redução da sequência [ndo] é favorecido quando esse for um morfema de gerúndio. Nesta pesquisa, no entanto, também foram observados casos isolados de redução em palavras não gerundivas com final [ndo], como em: *mundo* = *munno*, *quando* = *quanno* e *segundo* = *segunno*, conforme verificado abaixo:

Primeiro qua[no] a mulher separa a primeira coisa que a mulher faz... (quando) (CF)¹

Meu segu[no] casamento. (segundo) (CF)

Aí qua[no] nós chegamo da igreja. (quando) (CF)

Todo mu[no] querendo saber que era, quem não era... (mundo) (DS)²

...aí foi qua[no] comprei a casa. (quando) (DS)

Tá todo mu[no] comentano. (mundo) (DS)

De modo geral, assim como os gerúndios, as palavras acima destacadas apresentam a oclusiva /d/ em sílaba fraca, o que favorece o processo de redução. Além

do mais, quando os encontros consonantais heterossilábicos são formados pela consoante pós-vocálica /n/ em final de sílaba, e essa é seguida de outra consoante (/n/ \$ C), a consoante da sílaba seguinte pode ser cancelada (/n/ \$ Ø), (CRISTÓFARO-SILVA, 2000). Isso explica o porquê de as palavras *mundo*, *quando* e *segundo* terem passado pelo mesmo processo de redução, que teoricamente, só ocorre em gerúndio.

Baseada nas observações elencadas acima acerca do processo de redução da oclusiva /d/ em contexto [ndo], será apresentada, na seção seguinte, os trabalhos mais relevantes sobre o tema, assim como suas análises e principais resultados.

2. ESTUDOS ANTERIORES

A redução da sequência [ndo] para [no] é bem produtiva no português brasileiro – doravante, PB. Devido a isso, vários pesquisadores de diferentes regiões do Brasil têm se dedicado ao estudo desse fenômeno. Nesta seção, apresentaremos três trabalhos relevantes sobre o processo de redução do grupo [ndo] no português brasileiro. Vale dizer que todos os trabalhos aqui descritos analisam o fenômeno sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista.

No ponto de vista de Labov (2008, p. 21), não se pode compreender mudança e variação linguística “sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre”. Isso porque as diferenças linguísticas encontradas na comunidade são, na verdade, resultado das diferenças sociais (BOURDIEU, 2008). E é por conta disso que a Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso, dentro da comunidade de fala.

De acordo com Labov (1966b), a escolha do falante por determinada variante não é feita de forma aleatória, sendo, portanto, motivada e controlada por diferentes fatores linguísticos e sociais, tais como: velocidade de fala, escolaridade, gênero, faixa etária, classe social, entre outros. Consequentemente, essas variantes – que são, na verdade, as diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa –, acabam recebendo julgamento de valor imposto socialmente (SALGADO, 2009). Em virtude disso, uma determinada variante pode ser tida como de maior prestígio, neutra ou estigmatizada.

As variantes que vão ao encontro da norma padrão, ou seja, as ensinadas na escola e defendidas pela elite, são tidas socialmente como prestigiadas. Essas variantes são geralmente utilizadas pelos falantes com maior nível de escolaridade e que ocupam

posições mais privilegiadas na escala social. Por outro lado, as variantes estigmatizadas são aquelas evitadas em contextos formais de fala. Por não estarem alinhadas às regras da norma culta, essas variantes passam a ser consideradas como inferiores ou erradas. De modo geral, são os falantes menos escolarizados e pertencentes às classes dominadas os que mais utilizam as formas não padrão. Já as variantes neutras são aquelas que, ao serem pronunciadas, passam despercebidas pelos falantes. Por conta disso, não recebem nenhum julgamento de valor, sendo, portanto, aceitas naturalmente pelos falantes, (LABOV, 2008).

Nos últimos anos, várias pesquisas foram realizadas sobre o processo de redução da sequência [ndo] no PB, sobretudo na vertente da Sociolinguística Variacionista. A esse respeito, destacam-se os estudos de Ferreira (2010), Vieira (2011) e Almeida e Oliveira (2017). Ferreira (2010) investiga o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio na fala de moradores de São José do Rio Preto, São Paulo. Dentre todas as variáveis linguísticas analisadas pela autora (estrutura sintática, material interveniente entre verbo auxiliar e gerúndio e tipo de auxiliar em perífrases), a da estrutura sintática foi a única escolhida pelo Varbrul³ como favorecedora do processo de redução, sendo o contexto formado por justaposição (verbo auxiliar + gerúndio) o de maior peso relativo (0,80).

É oportuno destacar que todas as variáveis sociais analisadas por Ferreira (2010) foram selecionadas como relevantes para a aplicação da regra. Segundo a autora, os falantes mais jovens – com idade entre 7 a 35 anos – são os que mais realizam o apagamento da consoante /d/ em gerúndio. Com base nos dados, a autora verificou que quanto maior for o nível de escolaridade do falante, menor será o uso da forma estigmatizada [no], e o apagamento da oclusiva /d/ em morfema de gerúndio é mais frequente na fala dos homens que das mulheres. Isso confirma o que já foi dito por Labov (2008) de que as mulheres tendem utilizar com maior frequência as variantes mais prestigiadas.

Vieira (2011) investiga o processo de redução da oclusiva /d/ no grupo [ndo] no dialeto de Taboco, Mato Grosso do Sul. Para a autora, a redução da sequência [ndo] é resultado do processo de assimilação da oclusiva /d/ pela consoante [+nasal] /n/, resultando, assim, em duas variantes: [ndo] como forma padrão e [no] como forma não padrão. Esse processo, segundo a pesquisadora, tende a ser mais recorrente nos verbos em gerúndio, no entanto, o fenômeno também pode ocorrer na conjunção *quando* em

menor frequência. No tocante ao gênero, foram os homens os que mais utilizaram a variante inovadora [no]. Em oposição, as mulheres mostraram-se mais conservadoras, preferindo o uso da variante de maior prestígio [ndo].

Almeida e Oliveira (2017) analisam a variação no morfema de gerúndio na fala de moradores de Maceió, Alagoas. Na visão dos autores, esse processo fonológico interrelaciona-se com a morfologia, uma vez que ocorre no morfema de gerúndio [ndo]. Para a análise, os autores consideram fatores linguísticos e sociais que possam condicionar o processo de redução, tais como gênero, extensão do vocábulo e contexto seguinte.

Conforme observado pelos autores, as palavras polissílabas ou trissílabas são as que mais favoreceram a realização do fenômeno. Segundo os pesquisadores, o apagamento da oclusiva /d/ em gerúndio tende a ser mais recorrente quando o contexto fonético seguinte ao grupo [ndo] é formado pelas consoantes /t/, /d/ e /n/. Além de serem favorecedoras da haplologia, essas consoantes também apresentam semelhanças fonéticas com a oclusiva /d/. Ademais, a presença de vogal no contexto seguinte também se mostrou favorecedora do processo. Ainda de acordo com a pesquisa, os homens foram os que mais realizaram a variante não padrão [no]. Do contrário, as mulheres mostraram-se mais conservadoras, optando, assim, pela forma plena [ndo]. Isso confirma o que já foi dito por Ferreira (2010) e Vieira (2011) de que as mulheres tendem a evitar o uso da forma de menor prestígio [no].

A seguir, apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa, assim como as variáveis linguísticas e sociais investigadas. Além disso, também descreveremos, de forma sucinta, os programas televisivos escolhidos para a análise.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O estudo aqui apresentado fundamenta-se no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista desenvolvida por Labov (2008). Os dados analisados foram retirados de programas de entretenimento da TV aberta brasileira e coletados entre os anos de 2020 e 2021. A amostra foi composta por doze programas, sendo três programas para cada gênero analisado, totalizando 3 horas de gravação.

Para a investigação, foram coletados dados de fala de 61 participantes, sendo 29 mulheres e 32 homens de diferentes regiões do Brasil, níveis de escolaridade e status social. Vale ressaltar que a desigualdade entre a quantidade de homens e mulheres aqui observada é justificada pelo fato de os dados terem sido colhidos de programas televisivos, o que não nos permitiu dividir de forma exata a quantidade de informantes de ambos os sexos. Após a transcrição das gravações, foram separados os casos com contexto propício à ocorrência do fenômeno. Em seguida, esses casos foram codificados e analisados estatisticamente através do programa Varbrul (2001).

Seguindo a mesma lógica apresentada pela Sociolinguística Variacionista, o fenômeno em questão foi analisado tendo em vista fatores linguísticos e sociais que pudessem condicionar a escolha do falante por determinada variante (forma plena [ndo] ou forma reduzida [no]). Para tanto, considerou-se seis fatores linguísticos: i) classe morfológica; ii) contexto fonético da palavra seguinte; iii) contexto fonético precedente (vogal); iv) número de sílabas, v) velocidade e vi) palavra precedente reduzida, e cinco fatores sociais, tais como: i) sexo, ii) estilo de fala, iii) faixa etária, iv) gênero do programa e v) status social.

Definir o status social de participantes de programas televisivos não é tarefa fácil. Assim, devido a sua complexidade, optou-se por utilizar o modelo americano apresentado por Labov (2008), no qual a estratificação social dos indivíduos é definida por meio de várias combinações, tais como renda, escolaridade e profissão.

Seguindo essa lógica, o grupo status social foi dividido em dois grandes grupos: No grupo Baixo Status Social, ficaram os falantes com menor grau de instrução, “pertencentes a grupos sociais menos privilegiados, e que desempenham trabalho braçal” (EVANGELISTA, 2020, p. 89), tais como porteiro, empregada doméstica, caseiros, entre outros. Já no grupo Status Elitizado, ficaram os falantes mais escolarizados, “pertencentes às classes elitizadas e que exercem profissões de maior prestígio social, como empresários, reitores, apresentadores de TV, socialites etc.” (EVANGELISTA, 2020, p. 89).

3.1 Programas Televisivos Escolhidos Para a Análise do Fenômeno

Os dados linguísticos para a análise foram coletados dos seguintes programas televisivos: *Casos de Família*, *Domingo Show*, *Amaury Jr.*, e *Metrópolis*, todos pertencentes à categoria entretenimento.

3.1.1 Casos de Família

O programa *Casos de Família* é exibido pelo canal SBT e pertence ao gênero *talk show*. Durante o programa, pessoas simples expõem seus problemas pessoais e desavenças familiares que quase sempre terminam em discussões acaloradas, provocações e uma plateia eufórica (EVANGELISTA, 2020). Um dos objetivos centrais do programa consiste em realizar debates com um tom mais descontraído e irreverente, passando, assim, uma falsa sensação de intimidade entre os convidados e a apresentadora.

Conforme aponta Gomes (2007), os parâmetros de seleção para a participação da atração são bem simples: de maneira geral, os participantes devem ter uma história interessante, que deve ser bem contada. Vale ressaltar que todos os participantes do programa são moradores da periferia de São Paulo e que apresentam, portanto, menor nível de escolaridade e baixo status social. A atração é destinada para as classes C, D e E, e está no ar desde 2004, sendo atualmente apresentado por Christina Rocha.

3.1.2 Domingo Show

O programa *Domingo Show* pertence ao gênero auditório e foi considerado uma das principais atrações dominicais da Record TV. O programa esteve no ar entre os anos de 2014 a 2019 sob o comando do apresentador Geraldo Luís, que se intitulou “como o contador de histórias do Brasil”. Vale destacar que grande parte das histórias apresentadas durante a atração eram centradas no sofrimento dos menos favorecidos e contadas em tom apelativo e dramático.

Assim, por ser destinado a um público menos exigente, não havia tanto espaço para o discurso de especialistas ou políticos. Consequentemente “pessoas comuns” tornavam-se protagonistas do programa. Isso dava uma falsa sensação de que a atração era feita pelo povo e para o povo, ocultando, assim, uma possível intenção do programa: conseguir audiência a qualquer custo. Consequentemente, por apostar em um formato

mais apelativo e exagerado, o programa passou a ser rotulado pelas classes mais abastardas como sensacionalista e popularesco.

3.1.3 Amaury Jr.

Em oposição, o programa *Amaury Jr.* pertence ao gênero colonismo social e é atualmente exibido pela RedeTV. Durante a atração, são abordados assuntos variados, como a cobertura de eventos badalados e requintados da alta sociedade, viagens paradisíacas, entrevistas com celebridades nacionais e internacionais, políticos e especialistas. De maneira geral, para aparecer no programa, o candidato deve preencher um dos seguintes requisitos: ter dinheiro, ser famoso, ser esportista, ter sobrenome consagrado ou ser político conhecido (BORN, 2010). A temática apresentada pelo programa é, portanto, centralizada no *glamour* e no luxo da mais alta elite, sendo direcionado majoritariamente para a classe média alta. Além do mais, já esteve na grade de diversas emissoras brasileiras, tais como: Band, RedeTV, Record e TV Gazeta.

3.1.4 Metrópolis

O programa *Metrópolis* é transmitido pela TV Cultura e pode ser classificado em dois gêneros diferentes: variedades e jornalístico cultural. Conforme aponta Gonzalez (2009), a junção desses dois gêneros começou a ser recorrente a partir do século XX, nas edições das revistas de variedades, o que, posteriormente, serviu de inspiração para os programas televisivos do mesmo gênero. A esse exemplo, temos o programa *Metrópolis*, o único da TV aberta brasileira a se dedicar exclusivamente as notícias de cunho artístico e cultural (GUIMARÃES, 2011).

Dentre os assuntos mais abordados durante a atração, estão moda, teatro, cinema, literatura e arquitetura. Vale ressaltar que a grande parte dos eventos culturais apresentados durante a atração é de caráter erudito, ou seja, ligados às camadas mais cultas da sociedade. Em virtude disso, a maioria dos entrevistados é especialista, como arquitetos, curadores, urbanistas, chargistas, escritores, entre outros. O programa está no ar desde 1988 e atualmente é apresentado por Cunha Jr. e Adriana Couto.

Na próxima seção, descreveremos os resultados das variáveis linguísticas e sociais controladas nesta pesquisa.

4. ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre todos os grupos de fatores analisados, os únicos que apresentaram pouco efeito sobre o processo de redução da sequência [ndo] na mídia televisiva foram: estilo de fala, contexto fonético precedente (vogal) e faixa etária⁴. Por consequência disso, esses grupos acabaram sendo excluídos pelo *step down* do Varbrul. Tendo em vista a pouca representatividade desses grupos, optamos, então, por considerar neste artigo apenas os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a explicação da ocorrência do fenômeno, tais como: velocidade de fala, classe morfológica, gênero do programa, status social, sexo, contexto fonético da palavra seguinte, palavra precedente reduzida e número de sílabas. Cabe notabilizar que os grupos de fatores aqui apresentados estão organizados conforme o grau de importância indicada pelo Varbrul.

4.1 Velocidade de Fala

Os dados revelaram que o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo] tende a ser favorecido nas falas aceleradas. Conforme verificado na Tabela 1, o peso relativo referente à fala rápida ficou bem acima do ponto neutro (0,85), indicando favorecimento da regra. As demais velocidades, lenta ou pausada, inibiram consideravelmente a realização do fenômeno (0,23), o que significa dizer que as falas menos aceleradas tendem a cooperar para a manutenção da forma plena [ndo], enquanto que a fala rápida para a forma reduzida [no].

Tabela 1: Redução da Sequência NDO e Velocidade de Fala

Velocidade de Fala:	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Rápida	104/158	65,8	0,85
Lenta ou pausada	41/233	17,6	0,23

Fonte: Evangelista (2020, p. 109)

Conforme aponta Abaurre-Gnerre (1981), a velocidade rápida é uma característica dos estilos mais informais de fala. Consequentemente, a autora explica que a supressão de um segmento tende a ser maior nas falas aceleradas que nas lentas ou pausadas. A esse respeito vale destacar que nos estilos mais informais de fala, o falante tende a prestar menos atenção à própria fala, favorecendo assim a maior parte das variações linguísticas, dentre as quais podemos citar a redução da sequência [ndo] para [no].

4.2 Classe Morfológica

Neste trabalho, optamos por analisar o processo de redução da sequência [ndo] tendo em vista tanto gerúndio quanto não gerúndio. Conforme se observa na Tabela 2, a classe morfológica que mais favorece o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo] é o gerúndio, com peso relativo bem acima do ponto de neutralidade (0,76). Em oposição, os não gerúndios – como substantivos, advérbios, conjunções e numerais – apresentaram peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,07), indicando assim desfavorecimento da regra.

Tabela 2: Redução da Sequência NDO e Classe Morfológica

Classe Morfológica:	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Gerúndio	130/267	48,7	0,76
Não gerúndio (adj., subs., adv.)	15/124	12,1	0,07

Fonte: Evangelista (2020, p. 110)

De acordo com a visão de Ferreira (2010), o processo de redução da sequência [ndo] para [no] só ocorre em gerúndio. Nas demais classes morfológicas com a mesma sequência fônica /ndo/ o processo é, segundo a autora, bloqueado. No entanto, nesta pesquisa observou-se 15 casos da forma reduzida [no] em não gerúndios. No entanto, as únicas palavras afetadas pela regra foram: **mundo** – **muno** / **segundo** – **seguno** / e **quando** – **quano**. Desta maneira, podemos concluir que as formas gerundivas são as que mais favorecem o processo de apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo]. Contudo, ainda assim, é possível verificar a ocorrência do fenômeno em outras classes morfológicas.

4.3 Gênero do Programa

De acordo com os dados, os gêneros de programa que mais favorecem o processo de redução da sequência [ndo] para [no] são os gêneros auditório, com peso relativo bem acima do ponto neutro (0,80) e *talk show* (0,61). Os demais gêneros – colunismo social (0,29) e variedades/jornalístico cultural (0,15) – ficaram com peso relativo abaixo do ponto de neutralidade, o que significa dizer que são inibidores a aplicação da regra.

Tabela 3: Redução da Sequência NDO e Gênero do Programa

Gênero do Programa:	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Auditório	65/119	54,6	0,80
Talk Show	48/98	49	0,61
Colunismo Social	23/95	24,2	0,29
Variedades/Jornalístico Cultural	09./79	11,4	0,15

Fonte: Evangelista (2020, p. 111)

Com base nesses dados, verifica-se uma diferenciação quanto ao tipo de linguagem empregada nos gêneros televisivos. De maneira geral, os programas do gênero auditório apresentam uma linguagem mais envolvente e simples, próximo da linguagem utilizada pelo circo (SOUZA, 2015). Já o gênero *talk show*, por sua vez, apresenta uma linguagem semelhante à de uma conversa, sendo, portanto, íntima e espontânea. Sob esta ótica, é interessante observar que ambos os gêneros prezam por um estilo mais informal, mais próximo da linguagem utilizada pelo telespectador em seu dia a dia. Ao que tudo indica, isso é na verdade uma estratégia para aproximar o grande público da atração apresentada e assim aumentar a audiência.

Geralmente, os programas pertencentes a esses gêneros, como *Domingo Show* (auditório) e *Casos de Família* (*talk show*) apresentam temas pouco relevantes, introduzidos por meio de expressões vulgares ou que denotam diminuição, do tipo: “Você é o ridículo da família”, “Eu tô gato, minha mulher tá um bagulho” (*Casos de Família*), “Filha de faxineira encanta com bela voz”, “Catador de lixo reencontra os irmãos” (*Domingo Show*). Nota-se, portanto, que a própria temática apresentada por esses programas define não só o tipo de linguagem a ser utilizada, como também o tipo de público a que se pretende atingir. Decerto, por se tratar de um público menos exigente, a

linguagem usada nesses programas acaba aproximando-se mais do estilo informal, no qual pouca atenção é dada à própria fala. Isso explica o porquê de o maior número de casos da variante menos prestigiada [no] (113 ocorrências) ter sido observado nesses programas, como verificado na Tabela 3.

Em oposição, os demais gêneros colunismo social e variedades/jornalístico cultural apresentaram um número muito baixo da variante não padrão [no]. No total, foram observados 174 casos da forma plena [ndo] contra 32 da forma reduzida [no]. Conforme verificado, como em ambos os gêneros a temática apresentada tende a seguir uma linha mais sofisticada, a linguagem exibida inclina-se a seguir o mesmo padrão, sendo, portanto, a mais polida possível.

Contudo, ainda existe outro fator capaz de exercer grande influência sobre a linguagem nesses gêneros: o paradoxo do observador (LABOV, 2008). Isso porque os participantes de programas como *Amaury Jr.* e *Metrópolis* (pertencentes aos gêneros colunismo social e variedades/jornalístico cultural), por saberem que estão sendo observados por telespectadores que se pautam pelas regras gramaticais, acabam por assumir um comportamento linguístico mais compatível ao dos telespectadores, (EVANGELISTA, 2020). Logo, as variantes de menor prestígio, como a forma reduzida [no], tendem a ser evitadas por tais falantes.

Vale destacar, ainda, que dentre todos os programas escolhidos para a análise, o *Metrópolis* foi o que menos apresentou a ocorrência da variante menos prestigiada [no] (apenas 09 casos). Conforme aponta Evangelista (2018), os programas pertencentes ao gênero jornalístico, por apresentarem um padrão mais formal, são os que mais apresentam cuidado com a linguagem. Devido a isso, construções do tipo *fazeno*, *cantano* e *quano*, socialmente estigmatizadas, tendem a ser evitadas nesse gênero.

4.4 Status Social

O processo de redução da consoante /d/ no grupo [ndo] é comum no português brasileiro sendo verificado, inclusive, na fala de pessoas cultas da mais alta sociedade. No entanto, os dados revelaram uma diferenciação quanto à forma de controle estabelecida por parte dos falantes. Conforme verificado na Tabela 4, os falantes de baixo status social (trabalhadores braçais, com menor nível de escolaridade, pertencentes às

classes menos favorecidas) tendem utilizar, mesmo em situações formais, a variante de menor prestígio [no]. No total, foram observadas 77 ocorrências da forma reduzida [no] contra 45 da forma plena [ndo]. Com base nesses dados, é possível verificar uma predominância da variante não padrão [no] na fala desses falantes. Consequentemente, o peso relativo atribuído ao grupo Baixo Status Social ficou bem acima do ponto de neutralidade (0,74), indicando assim favorecimento da regra.

Tabela 4: Redução da Sequência NDO e Status Social

Status Social:	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Baixo Status Social	77/122	63,1	0,74
Status Elitizado	68/269	25,3	0,38

Fonte: Adaptado de Evangelista (2020)

A partir desse panorama, é possível afirmar que a escolha dos falantes pelas variantes de menor prestígio, como a variante não padrão [no], não é feita de forma aleatória. Ela é influenciada por fatores sociais, tais como nível educacional e acesso à cultura. Isso porque os falantes de status mais baixo têm normalmente baixa escolaridade e pouco acesso à informação, o que contribui para um maior distanciamento das formas padrão da língua. Somada a isso, vem a questão da desigualdade cultural, já que a grande parte desses falantes tem pouco ou nenhum acesso aos bens culturais. Por conseguinte, nos lugares onde é exigido o uso da “língua legítima” – aquela que é ensinada na escola e defendida pela elite –, tais falantes acabam por eleger as variantes não padrão.

Em oposição, os falantes de status elitizado (indivíduos com profissões de maior destaque, com alta escolaridade, pertencentes às classes mais privilegiadas) tendem a apresentar, em situações tensas, maior monitoramento da própria fala. Esses falantes geralmente consideram a variedade não padrão como desvalorizada e por isso evitam seu uso.

Em suma, a escolha pelas variantes de maior prestígio é, na verdade, reflexo de um pensamento ideológico de dominação, que impõe a cultura erudita como superior a qualquer outro tipo de cultura. Logo, o comportamento linguístico dos falantes pertencentes às elites deve estar alinhado a esse pressuposto de superioridade. E é por

esse motivo que as formas variantes de menor prestígio social tendem a ser evitadas por tais falantes.

Com base nos dados, verificou-se, portanto, um comportamento diferenciado desses falantes com relação à linguagem. Se, de um lado, os falantes de baixo status social apresentam pouco monitoramento da fala em situações formais, os falantes de status elitizado tendem a se policiar mais, adequando à linguagem de acordo com cada situação.

Consequentemente, nos contextos mais formais, tais falantes tendem a optar pelas variantes de maior prestígio, como é o caso da forma padrão [ndo]. Os dados atribuídos ao grupo Status Elitizado confirmam isso. No total, foram observados 201 casos da variante padrão [ndo], contra apenas 68 da variante não padrão [no] na fala desses falantes. Como já era previsto, o peso relativo referente ao Status Elitizado mostrou-se bem abaixo do ponto neutro (0,38), o que significa dizer que esse grupo inibe consideravelmente a realização do fenômeno.

4.5 Sexo dos Informantes

De acordo com Ferreira (2010) e Vieira (2011), o apagamento de /d/ em grupo [ndo] tende a ser mais recorrente na fala dos homens do que das mulheres. Tal fato foi confirmado por esta pesquisa, uma vez que os homens foram os que mais optaram pela variante menos prestigiada [no]. Conforme observado na Tabela 5, o sexo masculino apresentou peso relativo acima do ponto de neutralidade (0,63), indicando favorecimento da regra. Do contrário, o sexo feminino apresentou peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,25), o que significa dizer que as mulheres inibem consideravelmente a realização do fenômeno.

Tabela 5: Redução da Sequência NDO e Sexo dos Informantes

Sexo dos Informantes:	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Masculino	110/260	42,3	0,63
Feminino	35/131	26,7	0,25

Fonte: Evangelista (2020, p. 113)

A esse respeito, estudos sociolinguísticos comprovam que os homens são mais despreocupados do que as mulheres em sua maneira de falar. Conforme se observa, enquanto as mulheres políam mais a fala, dando preferência às variantes de maior prestígio, os homens tendem a apresentar um comportamento linguístico mais despreocupado. Uma das explicações para essa diferença linguística pode estar relacionada aos papéis sociais que são atribuídos aos homens e às mulheres. Isso porque homens e mulheres “são avaliados por critérios opostos: eles, pelo que fazem; elas, pelo que aparentam” (VIEIRA, 2011, p. 7).

Consequentemente, na tentativa de assegurar seu status linguístico, as mulheres tendem a apresentar uma linguagem mais polida, digna de sua feminilidade. Dessa forma, não é exagero dizer que o comportamento cauteloso das mulheres com relação à linguagem está intrinsecamente ligado à pressão social que elas sofrem. Consequentemente, diante de uma variante de prestígio, como é o caso da forma plena [ndo], e outra estigmatizada, como a variante [no], elas tendem a assumir uma postura mais conservadora, optando pelas variantes de maior prestígio.

4.6 Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Conforme verificado na Tabela 6, o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo] tende a ser favorecido quando o contexto fonético da palavra seguinte for formado pelas consoantes de traço [- coronal], ou seja, (k, p, b, g, f, v), como em: “mas cê tava conversano gomo?”. Vale ressaltar que esse grupo foi o que apresentou maior peso relativo (0,66). Ademais, as consoantes pertencentes ao grupo Outros (m, n, ɲ, ɾ, l, ʎ, s, h) (0,56), como em: “cé tá pensano no seu futuro!” e as vogais posteriores (u, o, ɔ) (0,52), como em “os fabricante ficava disputano um com o outro” também mostraram-se favorecedoras do processo de redução. Em contrapartida, os demais contextos inibem consideravelmente a realização do fenômeno.

Tabela 6: Redução da Sequência NDO e Contexto Fonético da Palavra Seguinte

Contexto Fonético da Palavra Seguinte	Aplic./Total	%	Peso Relativo
-Coronal	48/94	51,1	0,66
Outros	28/62	45,2	0,56
Vogais posteriores	16/41	39	0,52
Vogal central	14/44	31,8	0,45
+Coronal	14/44	31,8	0,44
Vogais anteriores	25/106	23,6	0,34

Fonte: Evangelista (2020, p. 114)

4.7 Palavra Precedente Reduzida

Neste estudo, verificamos que o processo de redução da sequência [ndo] para [no] tende a ser maior quando a palavra candidata ao apagamento vier precedida pelo verbo “estar” em sua forma reduzida, como em “Hoje eu *tô vivo*no isso” e “Cê *tá sabeno* disso?”. Conforme verificado na Tabela 7, a palavra precedente reduzida apresentou peso relativo acima do ponto de neutralidade (0,63), indicando maior probabilidade de aplicação da regra variável. Em oposição, a não redução da palavra precedente mostrou peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,39). Contudo, para melhor compreensão desse caso serão necessários estudos mais detalhados, uma vez que há uma possível motivação externa movida pelo Princípio do Processamento Paralelo.

Tabela 7: Redução da Sequência NDO e Palavra Precedente Reduzida

Palavra Precedente Reduzida	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Sim	89/170	52,3	0,63
Não	56/221	25,3	0,39

Fonte: Evangelista (2020, p. 114)

4.8 Número de Sílabas

De acordo com os dados, os vocábulos mais longos são os que mais favorecem o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo]. No total, foram observados 124 casos de redução nas palavras trissílabas e polissílabas contra apenas 21 casos nas palavras

dissílabas. O peso relativo atribuído aos vocábulos extensos ficou acima do ponto de neutralidade (0,64 e 0,63), indicando, assim, favorecimento da regra. Em contrapartida, as palavras dissílabas apresentam peso relativo bem abaixo do ponto neutro (0,27), o que demonstra desfavorecimento do fenômeno. Isso confirma o que já foi dito por alguns autores como Sousa (2009) e Almeida e Oliveira (2017) que quanto maior a extensão do vocábulo, maior a chance de realização do fenômeno.

Tabela 8: Redução da Sequência NDO e Número de Sílabas

Número de Sílabas:	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Trissílaba	77/153	50,3	0,64
Polissílaba	47/89	52,8	0,63
Dissílaba	21/149	14,1	0,27

Fonte: Evangelista (2020, p. 115)

Depois de termos discutido os grupos de fatores que se mostraram relevantes para a explicação da ocorrência do fenômeno, passaremos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo, pudemos verificar que o discurso televisivo favorece o processo de redução do grupo [ndo] para [no], assim como na fala coloquial. No entanto, verificou-se que alguns gêneros de programa são mais suscetíveis à realização do fenômeno do que outros. Os programas populares pertencentes aos gêneros auditório e *talk show*, por apresentarem um estilo mais informal, são os que mais favorecem a realização da variante menos prestigiada [no].

Do contrário, os programas ligados aos gêneros colunismo social e variedades/jornalístico cultural, por apresentarem uma temática mais sofisticada, são os que mais prezam por um estilo de fala mais alinhado à norma padrão. Consequentemente, variantes de menor prestígio social, como é o caso da forma não padrão [no], tendem a ser evitadas nos programas pertencentes a esses gêneros. Por conseguinte, observou-se grande intervenção do paradoxo do observador, tanto na fala dos apresentadores quanto na fala dos convidados.

Ademais, a análise dos dados desta pesquisa nos revelou que:

- i) A velocidade rápida favorece consideravelmente a realização do fenômeno.
- ii) A redução fonológica do grupo [ndo] é mais produtiva entre os falantes de status social mais baixo.
- iii) A redução da sequência [ndo] para [no] tende a ser mais recorrente quando o grupo [ndo] constitui marca de gerúndio.
- iv) Vocábulos extensos, formados por palavras polissílabas ou trissílabas são os que mais favorecem o apagamento da oclusiva /d/ em sequência [ndo].
- v) A redução da sequência [ndo] para [no] tende a ser mais frequente na fala dos homens que das mulheres.

Ademais, verificamos que o apagamento do segmento /d/ em contexto [ndo] tende a ser mais recorrente quando a palavra candidata ao apagamento vier precedida pelo verbo “estar” em sua forma reduzida. No entanto, para melhor entendimento, novos estudos serão necessários, uma vez que sugere um caso de processamento paralelo.

Referências

- ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Processos Fonológicos Segmentais como índices de padrões prosódicos diversos os estilos formal e casual do Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos* [S l.], (2), p. 23-44, 1981.
- ALMEIDA, A. N. S.; OLIVEIRA, Alan Jardel. Você fala cantano? Uma análise do apagamento de /d/ em gerúndios no falar de Maceió/AL. *LETRÔNICA*, v. 10, p. 200-209, 2017.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 38ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BORN, Ani Mari Hartz. *As representações das elites na mídia de colonismo social em Porto Alegre/RS. Um estudo de caso sobre o programa sociedade com Odalgir Lazzari*. (Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Editora da USP, 2008.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1967.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Fonologia: por uma análise integrada à morfologia e à sintaxe. *Cadernos do Departamento de Letras Vernáculas*. Anais da 2ª. Semana de Estudos Portugueses. v. 2, p. 56-65. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1996.

_____. Sobre a queda de encontros consonantais no português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 29, p. 522-527, 2000.

EVANGELISTA, Priscila Soares. A haplogogia na mídia falada em Belo Horizonte. *Caletroscópio*, v. 6, p. 224-243, 2018.

_____. *Processos de redução em sílaba átona final em programas de entretenimento da TV aberta brasileira*. (Dissertação de Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras. Campus de Belo Horizonte, Minas Gerais, 2020.

FERREIRA, Salvani F. *O apagamento do /D/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto*. (Dissertação de Mestrado em Letras). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, campus de São José do Rio Preto, São Paulo, 2010.

FILHO, João Freire; CASTELLANO, Mayka; FRAGA, Isabela. “Essa tal de sociedade não existe...”: O privado, o popular e o perito no talk show Casos de Família. *E-compós*, v. 11, n. 2, p. 1-20, 2008.

GUIMARÃES, Bruna Vieira. Programa Metrópolis: representante do Jornalismo Cultural na Televisão Brasileira. *CELACOM*, p. 1-19, 2011.

GOMES, Elisa da Silva. *Casos de Família: a conjugalidade nas antenas da TV*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

GONZALEZ, Lydianne de P. R. Jornalismo Cultural: Interfaces entre cultura e entretenimento. *Intercom*, p. 1-8, 2009.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington. D.C.: Center for Applied Linguistics. 1966a.

_____. On the Grammaticality of Everyday Speech. Conferência lida diante da Linguistic Society of America, New York City: 1966b.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Caroline Rodrigues Cardoso, Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

SALGADO, Solyany Soares. Ciência Linguística: da origem saussureana ao percurso sociolinguístico. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 100, p. 93-99, 2009.

SCHERRE, Maria Marta P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Revista Tabuleiro de Letras*, n. 4, p. 1-32, 2012.

SOUSA, Socorro Cláudia T. de. Interferência da língua falada na escrita de crianças: processos de apagamento da oclusiva dental /d/ e da vibrante final /r/. *D.E.L.T.A.*, v. 25, n. 2, p. 465-495, 2009.

SOUZA, José C. A. de. *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*. São Paulo: Summus, 2015.

VIEIRA, M. S. Apagamento de /d/: abordagem sociolinguística sob a perspectiva do gênero. *SOCIODIALETO*, v. 2, p. 15-25, 2011.

Recebido em: 30/08/2021

Aceito em: 23/03/2022

¹ Programa *Casos de Família*.

² Programa *Domingo Show*.

³ Programa estatístico que “mede o efeito relativo dos fatores das variáveis independentes ou grupo de fatores, projetando pesos relativos associados a cada fator de cada variável independente em sucessivas análises” (SCHERRE, 2012, p. 4).

⁴ Os grupos de fatores eliminados pelo Varbrul podem ser conferidos em Evangelista (2020).